

Na crise, o País perde chance de bons negócios

12 SET 1983

Economia Brasil

BRASILIA (O GLOBO) — É como se tivéssemos quatro ases e, mesmo sabendo que o vizinho só conta com um par, não pudéssemos ir ao jogo por falta de dinheiro para bancar a aposta.

Essa foi a imagem utilizada por um diplomata brasileiro para mostrar como a crise pode prejudicar a política externa do País. Segundo esse diplomata, é evidente que numa situação crítica o País tem que adotar uma posição no mínimo cautelosa e prudente para não se desgastar e, além disso, é obrigado a esforçar-se para, ao menos, manter posições, já que não pode avançá-las.

O caso do carvão de Moçambique, segundo fontes diplomáticas, é um exemplo de como o Brasil pode perder oportunidades por causa de dificuldades financeiras. Há alguns anos foi firmado um acordo para a realização de estudos de viabilidade econômica para a exploração do carvão em Moçambique, com financiamento brasileiro e do fundo da Organização dos Países Produtores de Petróleo (Opep). A segunda fase — da exploração do carvão — significaria para o Brasil um suprimento de minério em condições e quantidades significativas, mas essa nova etapa ficou adiada porque não há como o Brasil financiar aquele investimento.

O acordo do gás com a Bolívia é um outro exemplo, segundo as fontes. Os entendimentos para o fornecimento de gás boliviano através de um gasoduto até São Paulo remontam ao Governo Geisel, mas até agora o acordo não foi para a frente, em parte por problemas de financiamento.

Fontes do Itamaraty procuraram limitar as consequências da crise financeira ao campo da cooperação. O próprio Chanceler Saraiva

Guerreiro, quando a situação começava a piorar aceleradamente, ao final do ano passado, afirmou que a essência da política externa não mudaria, porque já provara ser correta. Guerreiro classificou de "idéia boba" a de que a necessidade de obter boa vontade financeira do Governo americano implicaria um realinhamento da política externa brasileira aos interesses dos Estados Unidos.

— Não houve alteração no tom, porque o nosso tom nunca foi estri-dente — garantiu um diplomata. Ele afirmou que não adianta assumir uma posição que depois não poderá ser substanciada, e atribuiu a confiabilidade da política externa brasileira à possibilidade de os parceiros do Brasil acreditarem na solidez de suas posições.

A situação financeira do País, entretanto, não limita apenas os programas de cooperação técnica ou cultural, mas pode prejudicar o desenvolvimento de um plano político de aproximação do Brasil com outros países.

— O Presidente Figueiredo já manifestou publicamente a sua intenção de ir à África. Mas o que ele faria em alguns dos países visitados, quando lhe fosse solicitada, por exemplo, a abertura de uma linha de crédito de alguns milhões de dólares para a importação de produtos brasileiros e não pudesse atender o pedido? — argumentou o diplomata.

De acordo com o seu raciocínio, o Brasil é visto por algumas nações africanas como um grande parceiro econômico em potencial, e o Presidente Figueiredo não poderia ir até lá de mãos vazias, mesmo que o adiamento da viagem signifique maiores dificuldades para o Brasil manter a posição que já ocupa no continente africano.